

## A ABORDAGEM PSICOLÓGICA DA SEXUALIDADE NA HISTÓRIA DA SEXUALIDADE DE MICHEL FOUCAULT

**JOSÉ EUCLIMAR XAVIER DE MENEZES**

Graduado em teologia e filosofia/UCSal. Especializado em Fundamentos Filosóficos da psicologia e da Psicanálise, mestre em Epistemologia da psicanálise e doutor em Filosofia Moderna e Filosofia Contemporânea/UNICAMP. É pós-doutor em Filosofia Contemporânea pela Pontifícia Università Lateranense/Itália. É professor e pesquisador do Programa de mestrado e doutorado em Família na Sociedade Contemporânea/UCSal. Também leciona e orienta pesquisa nos cursos de psicologia da Faculdade Social da Bahia e da Faculdade Santíssimo Sacramento. Dentre outras publicações é autor do livro *A Teoria Freudiana da Cultura/Edinimarco* e organizador, no Brasil, da repercussão das idéias de Gören Therborn através do livro *Família, População, Sexo e Poder/Ed. Paulinas*. É membro da Câmara de Ciências Sociais e Humanas/FAPESB. – menezesjex@hotmail.com.

**RESUMO:** Como as teorias psicológicas e as intervenções terapêuticas tornaram o sexo alvo privilegiado de seus interesses? O que justifica a gênese de um saber mobilizado significativamente a partir do sexo? Qual a razão de os saberes psi propalarem o seu silêncio em um sociedade que o faz rugir, cicizar, estrugir? O que esse saber ganha com este discurso flagrantemente avesso às ocorrências? Relendo o já clássico *História da Sexualidade*, busca-se encaminhar tais problemas. Deseja-se retomar a estratégia de Foucault para desconstruir a *hipótese repressiva* ao enfrentar os constructos psicológicos sobre/contra o sexo.

**Palavras chaves:** Foucault. Psicologia. Sexo.

**ABSTRACT:** How the psychological theories and the therapeutic interventions made sex it's interests? What justifies the creation of a knowledge from sex? What is the reason of the psychological knowledge insists in the society repression of sex? What this knowledge gained from this discourse that has no objective materiality? Here I propose a reinterpretation of the now classic *History of Sexuality* to forward these problems. I wish understand the Foucault's reflection to deconstruct the repressive hypothesis sustained by the psychological constructs on / against sex.

**Keywords:** Foucault. Psychology. Sex.

---

É de uma irrupção estranha nos discursos psicológicos que trata Foucault em sua

*História da Sexualidade*. De modo mais incitador no seu volume 1. Trata-se da irrupção do desejo nos discursos dos saberes psi em emergência na sociedade burguesa. O modo como se dá essa eclosão discursiva nos enunciados das ciências psi, enuncia Foucault, torna os seus autores paladinos da liberação sexual, empreendimento psicológico que retira a camisa de força posta pela moralidade vitoriana que marca a sociedade burguesa. Isso porque, acorde esse diagnóstico psicopatológico, a sociedade se orientou por um tratamento repressor do sexo, que deve, doravante o século XIX, ser revisto, combatido, retificado. Função a que se outorga a psicologia. Qual a consistência dessa hipótese? Proponho um recuo de 30 anos da *História da sexualidade*, relevante para que se possa aplicar a crítica dirigida à psicanálise naquele texto à todas as psicologias.

“Sem forçar uma exatidão, pode-se dizer que a psicologia contemporânea é, em sua origem, uma análise do anormal, do patológico, do conflituoso, uma reflexão sobre as contradições do homem consigo mesmo” (FOUCAULT, 1999, pp.135/51).

A análise crítica da psicologia foi construída pelo autor entre os anos 50 e 60. Nos textos do período, a psicologia emerge como um saber que se instaura a partir da norma<sup>1</sup>, sustentando, na esteira de Canguilhem, que a eficácia da psicologia habita na operação que transforma normas éticas, derivadas de certas práticas psicoterápicas, em enunciados científicos suspeitos. No vaticínio contundente de Canguilhem, a psicologia é considerada uma ética sem exigências “*porque associa experiências etológicas à do confessor, à do educador, à do chefe, à do juiz etc, sem criticá-las*”. Ou seja, as experiências psicológicas (destaque às psicosexuais) não emergem nos estudos psicológicos tal como ocorrem, qual fenômeno sobre o qual se voltaria uma ciência, mas adquirem índices descritivos que as tornam inerentes e dependentes da performance profissional do psicólogo. Desse modo, o “deve ser” inerente à norma é transformado em um “é” descritivo abalizado pela ciência<sup>2</sup>.

O horizonte em que se desdobra a crítica do *Primeiro Foucault* à psicologia compreende um questionamento duplo desse saber, questionamento que se projeta sobre o objeto e o método da psicologia. A respeito do objeto, Foucault vai sustentar que não se trata

---

<sup>1</sup> . *Doença Mental e Psicologia; La Psychologie de 1850 à 1950; La Recherche Scientifique et la Psychologie; Maladie Mentale et Personnalité*.

<sup>2</sup> . CANGUILHEM: G., *Qu'est-ce que la psychologie?*. In: *Revue de Métaphysique et de Morale*, n°1, Paris: 1958.

de um dado preexistente, de um fenômeno, e de que sua forma não é definitiva: a natureza desse objeto é fundada e re-fundada historicamente. Ao atingir o seu alvo, essa crítica atinge a psicologia em razão de suas práticas, desde o início, estarem suportadas em uma crença substancialista do sujeito. O sujeito psíquico era concebido como entidade acabada, idêntica a si própria, imutável, a-histórico. Até a sua *História da Loucura* o autor planta as bases dessa crítica.

Como desconfiamos, essa crítica de dentro da psicologia, dupla, como se vê – NORMA TORNADA CIÊNCIA E A-HISTORICIDADE DO OBJETO - prepara e é sustentáculo para aquela outra a que Foucault lhe dirige, agora projetada para cimentar a tese de que a própria psicologia é produto e faz parte de uma trama de saberes e poderes voltada para a disciplina e controle dos corpos individuais e coletivos. A pretensão de ser uma ciência declina, justamente diluir-se a auto-consideração de ser um campo de saber distanciado do político e do coletivo. Em muitas medidas, a psicologia será até mesmo subsidiária de um know how poderoso de todo o processo de sujeição efetivado pelo poder que ordena a sociedade moderna<sup>3</sup>.

A pergunta retórica na abertura de sua *História da Sexualidade: a vontade de saber* parece encaminhar, à moda iconoclasta, o que o autor pensa da tese sobre a repressão em nossa sociedade: “*Estaríamos liberados desses dois longos séculos onde a história da sexualidade deveria ser lida, inicialmente, como a crônica de uma crescente repressão?*” (FOUCAULT: 2005, p. 2). E a resposta, ainda mais retórica, aponta, provocativamente, para o saber que aos olhos de Foucault é significativamente representante dos saberes psi: “*Talvez por Freud?*” (Idem).

Nessa perspectiva, o projeto liberador do sexo realizado (ou pretendido) pela psicanálise, e com ela toda a psicologia, nada mais é do que um escamoteamento do projeto burguês-puritano para encerrar em esquemas de normatização a força e a espontaneidade do sexo. Mesmo que Freud represente em muitos aspectos um novo paradigma a propósito do tratamento do sexo, aquilo que de sua clínica ganha relevo é uma espécie de condicionamento político. Ora, como o freudismo se torna um *saber* privilegiado a imprimir as tendências teórico-metodológico-terapêuticas às psicologias, transformando-se em instrumento eficaz de poder exercido sobre os corpos individual e social? A performance do analista faz a demonstração:

Com que circunspeção, com que prudência médica, com que garantia

<sup>3</sup> . CASTELS: 2003; TOURAINE:1994; THERBORN: 2006; BADINTER: 2007; HABERMAS: 2002; SIMONDON: 1964; MACHADO: 1983.

científica de inocuidade e com quanta precaução, para tudo manter sem 'transbordamento', no mais seguro e mais discreto espaço entre o divã e o discurso, ainda um murmúrio lucrativo em cima de um leito (Idem).

Essa prática, configurada nos adjetivos arregimentados pelo texto, exhibe o propósito controlador que a justifica: ela pondera cuidadosamente o discurso sobre as experiências eróticas no setting analítico, manipula tal discurso com 'cautela científica', assegura uma manifestação moderada das experiências sexuais, o distribui entre os limites da malha conceitual científica evitando que o fenômeno se evidencie fora dos limites impostos pelo canon teórico-técnico. Todas essas ações modelam as manifestações discursivas da sexualidade ao *setting* analítico.

Na ironia fina de Foucault: "...ainda um murmúrio lucrativo sobre o leito" (Idem). Fina ironia porque aproxima o espaço plácido analítico do prostíbulo. O que dizem os "prostitutos", cliente e profissional, e o que expressam o analista e o analisando, no "frigir dos ovos", não passa de gemidos pelos quais se paga, tornando-os, deste modo, justificáveis e tolerados nas teias do exercício de poder característico ao ambiente intimista burguês.

Nessa perspectiva, o lucro, e sua representação última, o dinheiro, purificaria as expressões da sexualidade de suas formas inapropriadas, descabidas, inadequadas. Em outros termos: a prática analítica se alinharia ao coro dos múltiplos dispositivos vitorianos do sexo, porque incitaria a produção discursiva 'laboratorialmente orientada' e lucrativa:

A repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber (p. 10).

Ora, demonstra o autor, nada mais estranho aos três últimos séculos que a visibilidade de tal força repressiva. Na verificação desse gap entre a diagnose da repressão e sua efetiva prática, o que emerge é a onipresença do sexo, sua fala escancarada, sua presença insidiosa, sua vociferação, seu estímulo *voyeur*, traduzido em um meticuloso trabalho científico. Em outros termos, se a repressão é entendida como desaparecimento, banimento, enclausuramento, não se aplica sobre a atitude das sociedades puritanas sobre o sexo. Ao contrário, ele é o mote do frenesi discursivo característico de tais sociedades. Nunca se foi tão

detalhista quanto à expressividade do sexo quanto se é no âmbito da consolidação da sociedade industrial.

E a demonstração foucaultiana de que não houve repressão, mas, pelo contrário, o que houve foi a produção de uma pletora inflacionária de discursos sobre o sexo é feita pela análise das condições determinantes de tais discursos, constitutivos da *scientia sexualis*. São tais condições e determinações que mais importam quando se trata de avaliar o papel que as psicologias ocupam no curso da docilização dessa força. O que justifica a importância crescente dos múltiplos discursos da *scientia sexualis*, de cujo quadro as psicologias se destacam? Mera curiosidade?

O privilégio que o objeto sexo possui descarta essa perspectiva. A razão é a exigência de controle dos corpos, seja isso implementado individualmente, seja um imperativo a ser aplicado socialmente. Daí poder ser proposto que, para além de fazer silenciar o sexo, o que houve quando da emergência e afirmação do capitalismo foi uma proliferação exuberante dos discursos sobre o sexo:

Censura sobre o sexo? Pelo contrário, constitui-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua economia (p. 26).

Mas um controle não é feito sem precauções, sem um cálculo, sem uma métrica estabelecida com certa racionalidade. E de que modo o programa de controle do sexo toma precaução contra sua viscosidade, seu calor, sua vivacidade? Se não o aprisiona, e assim o faz calar, mas se o incita a falar, a exalar o seu aroma por entre os saberes, se é convidado a impregnar os espaços sisudos de saber, que procedimentos e que instrumentos são usados nessa provocação?

Trata-se de desenvolver algo "mais que" tolerância para com o sexo. Em vez de encapsulá-lo, busca-se promover, nos ambientes onde sua tematização é estimulada, um certo espírito asséptico em seu tratamento. É preciso fomentar a sua expressividade, mas dentro de categorias e instrumentais que o legitimam.

Tome-se como paradigma desta providência de controle a *perversão*. Índice da medicalização do sexo, ela passa a habitar o espaço luminoso da ciência que a tira das vielas, dos estábulos, dos recônditos esgotos das cidades. Considere-se também a criança: que suas

expressões eróticas sejam vigiadas pelos cuidadosos olhos dos pais e mestres, sob orientação da psicopedagogia; ou ainda as mulheres, essas Evas afoitas, propensas a fremitos sexuais: que as psicologias as nomeie e as convoque para o palco, cuja cena é composta pelos elementos laboratoriais competentes no controle de suas manifestações indomáveis em outros espaços.

É exatamente com essa perspectiva patologizadora que a área psi se impõe como ferramenta explicativo-interventiva para lidar com o sexo:

O discurso crítico que se dirige à repressão viria cruzar com um mecanismo de poder, que funciona então sem contestação, para barrar-lhe a via, ou faria parte da mesma rede histórica daquilo que denuncia (e sem dúvida disfarça) chamando-o de repressão? (p.15).

A decisão foucaultiana é negativa. O discurso liberalizante sobre o sexo montado pelas psicologias, e não passa de um ardil do poder que age num plano não jurídico, mas normativo, ao tempo em que é uma estratégia de controle, uma espécie de raiz rizomática sem um centro determinado que fomenta ação, expansão, produtividade. E a astúcia desse poder é eficaz quando impele, com suas medidas seguras, um arremedo de transgressão para o qual podem e devem convergir forças rebeldes. Enfim, o discurso liberalizante das psicologias pertence à estratégia expansionista do poder, que passa a incorporar indivíduos e fatias sociais que escapavam do seu controle.

Reitere-se o problema: as psicologias têm ciência de cumprirem esse papel de reforço instrumental ao poder moderno? Ou é ingenuamente crédula no seu discurso liberalizante, festejado como inovador, transgressor, revolucionário?

Que Foucault vai responder evidenciando um certo torpor que caracteriza a operatividade psicológica no programa de sujeição, não resta dúvida. Antes de seguir a demonstração desse elemento, indaguemos sobre a *razão de ser* desse programa datado pelo autor. Por que o privilégio do sexo como alvo sobre o qual o controle social deve ser exercido? De que conteúdo ele é depositário para mover os esforços estratégicos das sociedades puritanas? Ou, ainda, por que confluem para o sexo essas forças estrategicamente inventadas pela sociedade moderna, o saber e o poder?

É que, por seu intermédio, pode-se controlar o corpo do indivíduo e o corpo social. Precise-se: prazer e produção, mediante o controle da sexualidade do indivíduo, podem ser elementos cooperantes na expansão do poder; crescimento demográfico, retenção do mesmo,

distribuição da população, adequação das práticas reprodutivas podem e devem expressar o domínio do corpo coletivo. No centro da problemática reside o sexo. Logo, ao invés de o reprimir, impor-lhe o silêncio, condená-lo à marginalidade, é mais eficaz promover a produção de discursos que alcancem a ampla gama de tipos que compõem a *fauna sexual*:

Trata-se, antes de mais nada, do tipo de poder que exerceu sobre o corpo e o sexo um poder que, justamente, não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição: ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares (p. 47).

Daí poder ser inferido que a multiplicidade moderna de discursos sobre o sexo não seja casual. Antes, ela é intencional e exhibe o espírito perverso que a caracteriza: “*A sociedade moderna é perversa, não a despeito do seu puritanismo ou em reação à sua hipocrisia: é perversa real e diretamente*” (Idem). E no planejamento estratégico desta perversão as psicologias cumprem papel decisivo.

Ora, o que então justifica a sua dissimulação puritana que insiste em vociferar nosso caráter reprimido, quando somos ruidosos para com o sexo? Trata-se de uma estratégia eficaz de enfrentamento das resistências que certamente se insurgem no interior das sociedades. Na realidade, tal puritanismo traveste, com grande competência, o espírito perverso da sociedade moderna. Daí poder ser feito bem mais que um trocadilho com os termos que caracterizam a sociedade moderna em seu tratamento da sexualidade: despudor vitoriano. Essa expressão aparentemente contraditória se refere à inquietação perversa da sociedade moderna produtora de discursos que erigem um variado campo dos tipos sexuais mediante a expertise psicológica.

Mas como as psicologias se inscrevem nesse programa estratégico? Melhor ainda: dada a desconfiança de que nas sutilezas da crítica foucaultiana as psicologias emergem como néscias do seu papel instrumental, como elas são inscritas nesse programa?

A relação médico-paciente delata a operatividade psicológica, especificamente na relação transferencial. Foucault propõe para exame uma espécie de "teoria do fórceps" posta em prática pela psicoterapias, que usam de tecnologias confessionais eficazes, de há muito, na história do Ocidente. Na relação transferencial o terapeuta assume o lugar do pai no imaginário do paciente, e não há como não caracterizar essa relação como sendo de poder, reedição mais requintada da relação paterno-filial romana. A autoridade do terapeuta é, para o

paciente, a voz do poder. Seu dizer, inclusive na eloquência do seu silêncio ou na sua interpretação, opera sobre a conduta do paciente. Do *setting* terapêutico resulta uma alma doce, correlato do corpo dócil da produção econômica:

Pela estrutura de poder que lhe é imanente, o discurso da confissão não poderia vir do alto como na ars erótica, nem pela vontade soberana do mestre, mas de baixo, como uma palavra requisitada, obrigada, rompendo, através de alguma pressão imperiosa, os lacres da reminiscência ou do esquecimento (Idem pp. 61/2).

Não deixa de causar estranheza a combinatória entre uma alma doce (que Foucault delata ser produzida em análise) e a perversão (paradigma de toda a sexualidade)? Ou em outros termos: a perversão não é transgressora por definição? A desmontagem dessa estranheza se faz pela compreensão de que também a perversão é estrategicamente produzida. Sua expressão é legítima no *setting* terapêutico, porque este é o seu espaço regulador, espaço neutralizador das manifestações ilícitas. Seu caráter escandaloso, anárquico, excessivo, recebe uma atenuação asséptica através do instrumental terapêutico que neutraliza o caráter viscoso e incontrolável do sexo. Em outras palavras: mediante uma prática normatizante, a sexualidade infantil pode ser fabricada, as perversões puderam ser incorporadas a um conjunto de objetos-alvo de olhares científicos, os tipos perversos puderam ser especificados e catalogados, o corpo do histérico pôde ser torneado para o refluir da força do poder. Enfim, criou-se as condições para a normatização da sexualidade.

É lógico que essas operações referem-se ao trabalho das Ciências Humanas *in totum*, solidárias entre si como dispositivos à serviço da modelagem da sociedade moderna. Mas o destaque da psicologia é visível nas tramas do texto, ela que é filha legítima das engrenagens de poder de uma sociedade engenhosa na especificação das partes que lhe constituem.

Isso é verificável pelo fato de, no século de consolidação das psicologias surgir uma gama exuberante de discursos sobre as anomalias sexuais, que, por si só, já é sintomático, sugere Foucault. Por que sintomático? Porque tais discursos despistam de maneira hábil e estratégica os objetivos pelos quais são construídos. Basta que se lance um olhar para o catálogo psicopatológico vinculado ao sexo: o que ele produz? Tipos sexuais exóticos nas suas características, riquíssimos no conjunto. Tem-se, com a psicopatologia do sexo, uma variada gama de tipos sexuais, cada um podendo não somente insinuar-se no *setting*

terapêutico, mas nele florescer, vicejar, pois este é o seu lugar. Não se trata de um mero espaço de tolerância para as manifestações do sexo, mas de um horizonte demarcado com segurança a fim de que o ilícito se apresente:

O que significa o surgimento de todas essas sexualidades periféricas? O fato de poderem aparecer à luz do dia será o sinal de que a regra perde em rigor? Ou será que o fato de atraírem tanta atenção prova a existência de um regime mais severo e a preocupação de exercer sobre elas um controle mais direto? (p. 41).

Que cresçam, pois, as ervas daninhas, as sexualidades periféricas, os tipos sexuais mais exóticos. Sem que se mostrem, como perfilá-los, adequá-los, contorná-los, controlá-los? Temos, assim, um vastíssimo espaço para a emergência de uma plethora de tipos que nele encontram guarida. Alcova, prostíbulo, banheiros imundos, ruelas, mato, etc., espaços de tolerância desses tipos, perdem a exclusividade como lócus de suas manifestações. As expressões sexuais ilegítimas, marginais, podem emergir das cavernas à luz. A alvura do espaço clínico-psipatológico pode e deve lhes comportar.

Na estratégia foucaultiana, *a vontade de saber*, em sua especificidade psicológica, emerge como ardil ao erótico, ao obsceno, ao ilícito, ao sexual, pois promove a sensação de que a sua identificação, a sua diagnose e o seu tratamento são libertários. Na realidade, o que o terapeuta realiza é uma captura da natural rebeldia característica do sexo, minando-a em sua força ao promover os discursos nos quais ele diz sua verdade, ao tempo em que afirma-se como saber especializado. Em outros termos, exaure-se o sexo no discurso. Ou ainda: em detrimento da despotencialização do sexo, o discurso psicopatológico se empodera. Inverte-se, assim, a proposição enganosa da hipótese repressiva:

Como, então, analisar o que se passou, na história recente, a respeito dessa coisa, aparentemente uma das mais interditas de nossa vida e de nosso corpo, que é o sexo? Como o poder lhe tem acesso senão através da proibição e da barragem? Por quais mecanismos, táticas ou dispositivos? (p. 87).

Tal inversão é operada sobre a exterioridade atribuída ao poder em relação ao sexo. Primeiro, dilui-se a identidade de poder como e enquanto estratégia institucional-jurídica. Em seguida, aposta-se em que sexo seja superfície de projeção de poder, isto é, a partir dele o poder se expande, nele o poder encontra potentes vias de expressão. Nada mais astuto que

erigir, a partir do seu interior, uma rede de dispositivos que promovam o seu fluir, pois o que resulta disso é a maximização do poder. Que o sexo fale, incontido, indiscreto, impertinente, porque estimulado por um ouvido auscultador e disciplinador desse erotismo!

Se o século XVIII necessita de um fórceps para que os lábios indiscretos não só balbuciem, mas digam compulsivamente e de forma constrangedora a verdade que todos sabem e fingem ocultar (então todos são desmascarados por um bode expiatório, possuidor de uma "*jóia indiscreta*", como formulado por Diderot), o século XIX refina tal fórceps na medida em que transforma suas funções em dispositivos que se confundem com os objetos sobre os quais são aplicados. Desse modo, "sexo objeto" e "fala sobre o sexo instrumento" se tornam fala sexual, associação livre de verdades capturadas pelas malhas bem definidas da *sciencia sexualis*.

Golpe ardiloso para vencer as resistências ao poder que se exerce na concretude da micro relação médico-paciente, como expresso em *Microfísica do poder* (1988):

Lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo), esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. Deve-se afirmar que estamos necessariamente 'no' poder, que dele não se 'escapa', que não existe, relativamente a ele, exterior absoluto, por estarmos inelutavelmente submetidos à lei? Ou que, sendo a história ardil da razão, o poder seria o ardil da história - aquele que sempre ganha? (p. 237).

Do ponde de vista de sua eficácia, esse poder, próprio aos tempos modernos, se exerce mediante dispositivos, descrito como:

...um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (p. 244).

Assim, parceira da pedagogia, da justiça penal, da medicina e da psiquiatria, as psicologias emergem como ferramentas significativamente subsidiárias dessa teia de poder. Sua função reside no controle psíquico mediante um artifício que fomenta as manifestações das sexualidades.

Mas como se afigura na prática esse dispositivo? Por meio da confissão. No registro religioso é ela que assegura o dispositivo da aliança e, agora, em sua versão psicoterápica, apresenta-se como dispositivo da sexualidade. Por ela se captura a verdade e se objetiva o sujeito. Desenha-se, desse modo, um tipo de sociedade disciplinar que exaure o indivíduo pelo discurso, recheado de uma trama contabilista, calculada, reguladora, normalizadora.

Eis então o problema: na práxis, como a psicologia se inscreve neste dispositivo? Não é ela a depositária do crédito que dá um salto qualitativo e rompe com a perspectiva da degenerescência e da hereditariedade, ditadas pela psiquiatria com relação às doenças nervosas? Não é ela que rompe com a teoria da localização para explicar as alterações das manifestações emocionais do sujeito humano? Não é ela que inventa uma técnica terapêutica que contempla um mais além da constituição nervosa do indivíduo? Não é ela que dá dignidade a essa coisa úmida, viscosa, complexa que nucleia o homem, o sexo? Não é ela que promove as significações para esse universo até então indizível, porque compreendido, em sua anterioridade, sob o exclusivo ponto de vista moral? Nada disso escapa aos dispositivos da sexualidade. Não só não escapa como também corrobora na sua afirmação. Senão vejamos.

Considerando a relação médico-paciente e a condição pela qual a análise ocorre, conceder-se-á que a transferência cauciona o *pátrio poder*. O que isso significa? Que pela transferência o terapeuta exerce um poder sobre o paciente, submetido à compulsão do dizer. Mas o terapeuta não é um simples confessor, mas um representante emocional, capaz de mobilizar todo o ser do paciente no compromisso de dizer a verdade sobre si mesmo. Ocupando um lugar privilegiado na vida emocional do paciente, faz-se depositário dos atributos paternos. Essa versão médica da confissão arranca do indivíduo os seus segredos mais íntimos e os deixa escancarados ao olhar do representante máximo da instância reguladora, normalizadora, a família.

No outro pólo dessa relação de poder se coloca a técnica de interpretação que, norteada pelos paradigmas edipianos, desloca o indivíduo de sua auto-referência e o coloca na referência familiar. Dizer-de-si ao terapeuta-representante-paterno é já um submeter-se ao crivo do poder paterno, expressão suprema do poder familiar, um poder-ser que não escapa (ou não deve escapar) aos cânones do familialismo. Não é à toa que o corpo objeto preferencial de poder da sociedade moderna é o corpo burguês. É ele que é sexualizado, e é sobre ele que se volta a psicoterapia. Só por extensão é que o dispositivo da sexualidade é

aplicado às outras esferas sociais na forma de disseminação de tal dispositivo. Mas num primeiro plano, o corpo objeto da psicanálise é o corpo burguês. Não que ela faça per si tal escolha. Esta já está feita pelo poder do qual a psicanálise é apenas um dos elementos, um dos nós na trama de uma sociedade complexa que faz o seu ordenamento através do apoio nos saberes.

Ora, sob o ponto de vista estratégico, então, nada muda na sociedade moderna? O registro religioso, mediante a categoria "carne", categoria examinada por Mario Praz (1975) em seu *La carne, la morte e il diavolo nella letteratura romantica*, também exercitava seu poder na obtenção da verdade do indivíduo, por meio da confissão. A sociedade burguesa, reformulando na superfície essa estratégia, somente amplia o raio de operatividade do poder de controlar tudo e todos. Em outros termos, se nada muda no tratamento dispensado ao sexo, do registro religioso para esse outro registro técnico de mensuração psicológica, então o que se ganha nesse novo cenário que otimiza um modo próprio de lidar com o sujeito? Na semântica de Foucault (1985): no ambiente em que o dispositivo da aliança é privilegiado, por que o controle do indivíduo é efetivado mediante o reforço do dispositivo da sexualidade:

Vejo que você procura os operadores que lhe permitirão apagar o corte que se estabeleceu com Freud. Na época em que Althusser impunha um corte marxista, você já havia chegado com sua borracha. E agora, acho que seu objetivo - ou sua estratégia, como você diria - é Freud. Você realmente acredita que conseguirá apagar o corte entre Tertuliano e Freud? (pp. 259/60).

Eis aqui o desconforto de uma das vozes das ciências psi frente à interlocução foucaultiana. Ela é continuísta. Pretende delatar e liberar o indivíduo de um poder repressivo, exterior à sexualidade, contra o qual se propõe trabalhar, ao tempo em que fabrica a sexualidade que permite novos horizontes de exercício deste mesmo poder. No interior da maquinaria confessional, Freud e seu artifício são meros episódios, meros tentáculos, meros instrumentos que reforçam o poder, mediante o escrutínio do saber.

E a psicologia sabe desse seu papel? O próprio Foucault (2005) responde na *História da Sexualidade* recusando o esforço descritivo das psicologias em relação à sexualidade. É como se se fizesse necessário realizar uma epoché de todo o esforço esboçado na leitura do conceito de sexualidade, via perversão, como Freud (1990/1905) o realiza em seu *Três*

*ensaios de uma teoria Sexual*. A sexualidade, pelo viés foucaultiano, é muito mais uma fabricação política, bem localizada em um contexto histórico, com propósito bem delineado:

De fato, trata-se, antes, da própria produção da sexualidade. Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em cheque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (p. 100).

Se bem antes de ser alvo de uma teoria o poder é um exercício, toda a finura da letra de Foucault reside em projetar os seus estudos para além do horizonte simplista da repressão de um indivíduo contra um outro, de uma sociedade contra o indivíduo. Essa finura se esforça por capturar o funcionamento do poder através do nosso corpo e, mais ainda, através do corpo social. Nessa perspectiva, o poder é a maneira de funcionamento da tecnologia política através do corpo, modelado por mecanismos que, inclusive, corroboram na sua constituição, como é o caso do saber psi. Eis aqui o sentido em se pensar uma história para a sexualidade. Invés de ser um fenômeno natural, é um acontecimento datado, construído em sincronia à dinâmica de uma história. Como dela participou as psicologias é o esforço que se visualiza na narrativa de um contador de histórias no mínimo provocadoras.

### Referências Bibliográficas

- ARIES, P. & BEIJIN, A., *Sexualités occidentales*. Paris, Ed. du Seuil, 1984.  
BOSWELL, JE., *Christianisme, tolérance sociale des débuts de l'ère chrétienne au XIVe siècle*, Paris: Gallimard, 1985.  
BRANLARD, JP., *Le sexe et l'état des personnes : aspects historique, sociologique et juridique*, Paris: Librairie générale de droit et de jurisprudence, 1993.  
BRISTOW, J., *Discursive Desires in Sexuality*, London: 1997.  
BUTLER, J., *Trouble dans le genre: le féminisme et la subversion de l'identité*, Paris: La Découverte, 2006 .  
CHOMSKY, N., *Necessary Illusions*, London, Sage, 1989.  
DELEUZE, G. & GUATTARI, F., *O que é a filosofia?* RJ: Ed. 34, 1992.  
DELEUZE, G., *Mil Platôs*, RJ: Ed.34, 1995.  
DELEUZE, G., *Nietzsche e a filosofia*, RJ: Ed. Rio, 1976.  
DELVAU, A., *Dictionnaire érotique moderne*, Paris: France-Expansion, 1978.  
DIDEROT, D., *As jóias indiscretas*. Rio de Janeiro: Global Editora, 1986.  
ESCÓSSIA, L. da. *O coletivo como plano de co-engendramento do indivíduo/sociedade*, UFRJ, RJ: 2004.  
EWALD, F. *Foucault: a norma e o Direito*, Lisboa: Veja Ed., 1993.  
FLANDRIN, JL, *Le sexe et l'Occident : évolution des attitudes et des comportements*, Paris: Ed. du Seuil, 1981.

- FOUCAULT, M, *Foucault répond à Sartre*, in: *Dits et Écrits*, I, Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*, RJ: Vozes, 1971.
- FOUCAULT, M., {1954} *Doença Mental e Psicologia*, Biblioteca tempo Brasileiro 11, Ed. Tempo Brasileiro, 1975.
- FOUCAULT, M., {1957} *La Psychologie de 1850 à 1950*, in *Dits et Écrits* V. 1, pp. 120/36, Ed. Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M., *A Governamentalidade*, in: *Microfísica do poder*, RJ: Graal Ed., 1985
- FOUCAULT, M., *Cours au Collège de France 1974-1975. Les anormaux*, Paris, Seuil/Gallimard, 1999.
- FOUCAULT, M., *Em defesa da Sociedade*, SP: Martins Fontes, 2005, p 40.
- FOUCAULT, M., *Histoire de la Folie*, Collection Tel, Ed. Gallimard, 1972.
- FOUCAULT, M., *História da sexualidade: A vontade de saber*, Vol. 1, RJ: Editora Graal, 2005.
- FOUCAULT, M., *L'archéologie du savoir*. Paris: Galimard, 1969.
- FOUCAULT, M., *La Recherche Scientifique et la Psychologie*, in: *Dits et Écrits* Vol.1., Ed. Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M., *Maladie Mentale et Personalité*, PUF, 1954.
- FOUCAULT, M., *Microfísica do poder*, RJ: Editora Graal, 1985.
- FOUCAULT, M., *Qui êtes-vous, Professeur Foucault?*, in *Dits et Écrits*, I, Paris: Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M., *Rever dès sés Plaisirs. Sur l'onoricritique*, in: *Dits et Écrits* Vol. 3, Ed. Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M., *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes., 1975.
- FREUD, S., *El porvenir de una ilusión*, SE Vol. XXI, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.
- FREUD, S., *Totem e Tabu*, SE. Vol. XIII, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.
- FREUD, S., *Três ensaios de uma teoria Sexual*, SE. Vol.VII, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.
- GUENIVET, K., *Violences sexuelles: la nouvelle arme de guerre*, Paris: Michalon, 2001.
- GUTTING, G., 'Michel Foucault: A user's manual', in: Gutting, G., *A Cambridge Companion to Foucault*, Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- HALL, J., *Coercion and Consent*, Cambridge, Cambridge University Press, 1994).
- HALPERIN, DM., *Saint Foucault: Towards a Gay Hagiography*, NY: Oxford University Press, 1994.
- JONES, C. & Porter, J., *Reassessing Foucault: Power, Medicine and the Body*, London: Ed.Routledge, 1998.
- LAPALANCHE, J., *Vida e morte na psicanálise*, Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 1985.
- LAQUEUR, T., *La fabrique du sexe: essai sur le corps et le genre en Occident*, Paris: Gallimard, 1992.
- MACHADO, R. *Ciência e saber: a trajetória da Arqueologia de Foucault*, RJ: Graal, 1983.
- MANGUEIRA, M. *Microfísica das criações parciais: pensamento, subjetividade e práticas a partir de Nietzsche e Deleuze*, Sergipe: EDUFS/OT, 2001.
- MCWHORTER, L., *Bodies and Pleasures: Foucault and the Politics of Sexual Normalization*, Indiana: UP, 1999.
- MONZANI, L. R., *Freud, o movimento de um pensamento*, Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- MUCHEMBLED, R., *L'orgasme et l'Occident: une histoire du plaisir*, Paris: Ed. du Seuil, 2005.
- NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Tradução Paulo César Souza. SP: Brasiliense, 1987.
- PELBART, P. P. *O tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*, SP: Perspectiva, FAPESP, 1998.
- PRAZ, M., *La carne, la morte e il diavolo nella letteratura romantica*, Roma: Ed.Sansoni, 1975.
- RAUCH, A., *Histoire du premier sexe: de la Révolution à nos jours*, Paris, Hachette littératures, 2006.
- RICOUER, P., *Da interpretação*, RJ: Editora Imago, 1977.
- SARUP, M., *Foucault: Sex and the Technologies of the Self*, in: *Identity, Culture and the Postmodern World*, Edinburgh: Edinburgh University Press 1996.
- SEGAL, L., 'Sexualities', in: Woodward, K., *Identity and Difference*, London: Sage, 1997.
- SHERIDAN, A., *Michel Foucault, The Will to Truth*, London, 1980.
- SHORTER, E., *Le corps des femmes*, Paris: Ed. du Seuil, 1984.
- SIMONDON, G., *L'individu et sa genèse physico-biologique*, Paris: Presses Universitaires de France, 1964.
- SIMONDON, G., *L'individuation psychique et collective*. Paris: Aubier, 1989.
- STEIN, E., *La struttura Della persona humana*, Roma: Città Nuova Editrice, 2000.
- TANNAHILL, R., *Le sexe dans l'histoire*, Verviers: Marabout, 1983.
- VIGARELLO, G., *Histoire du viol, XVIe – XXe siècle*, Paris: Ed. du Seuil, 1998.